

História da educação em Museologia no Sul do Brasil

Entre memórias e vestígios da formação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

History of Museology education in southern Brazil: between memories and traces of training at the Federal University of Rio Grande do Sul

Recebido em: 01/02/2024

Aprovado em: 18/04/2024

Ana Carolina Gelmini de Faria

[Sobre a autora >>](#)

RESUMO

O trabalho propõe uma análise do ensino em Museologia no Sul do Brasil, tendo como recorte temático projetos de formação realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em nível de graduação - bacharelado e mestrado acadêmico. O artigo é produto da pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes” e do programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”. O estudo de caso, de caráter qualitativo e descritivo-analítico, tem por metodologia a análise documental e a história oral, e reforça a importância da preservação e pesquisa de indícios dos cursos de formação em Museologia em ampla escala, uma vez que esse movimento legitima-a e consolida-a como um campo científico e a insere nos estudos de história da educação do ensino superior. Reforça a importância das agentes que protagonizaram uma posição no campo científico e universitário, conquistando espaço na formação universitária da região Sul do Brasil e fortalecendo a Museologia nacional.

Palavras-chaves: Museologia; História da Educação; Ensino superior; Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS; Graduação em Museologia da UFRGS.

ABSTRACT

This work proposes an analysis of Museology education in southern Brazil, using as its thematic focus training projects carried out at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) at undergraduate level - bachelor's and academic master's degrees. This article is a product of the research “History of museums and Museology based on the work of its agents” and the extension program “Museology at UFRGS: trajectories and memories”. The case study, of a qualitative and descriptive-analytical nature, uses documentary analysis and oral history as its methodology, and reinforces the importance of preserving and researching evidence of training courses in Museology on a wide scale, since this movement legitimizes and consolidates it as a scientific field and inserts it into studies on the history of higher education. It reinforces the importance of the agents who took a leading role in the scientific and university field, conquering space in university education in the southern region of Brazil and strengthening national Museology.

Keywords: Museology; History of Education; Higher Education; Postgraduate course in Museology and Heritage at UFRGS; Undergraduate in Museology at UFRGS.



Construindo a história da educação da Museologia no Sul do Brasil

No Sul do Brasil, mais precisamente no estado do Rio Grande do Sul e na cidade de Porto Alegre, localiza-se a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É nessa instituição de ensino superior que foram criados em 2008 e 2017, respectivamente, o Curso de Bacharelado em Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa). Cabe ressaltar que tal projeto não se inicia no século XXI. Ao contrário, há indícios de tratativas ao longo da segunda metade do século XX de formações em Museologia em diferentes cidades do estado, algumas, inclusive, culminando em experiências de pós-graduações *lato sensu*, com edições limitadas de especializações (ocorrendo, inclusive, na UFRGS). Porém, é com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) que a proposta de um ensino de Museologia em nível de graduação se efetiva nessa universidade, derivando, após sua consolidação, na oferta também de ensino *stricto sensu* (até o momento, em nível de mestrado).

Ainda que seja na perspectiva temporal uma história recente, os quinze anos completos da graduação e seis anos completos da pós-graduação já inserem as duas formações nos estudos da História da Educação, com ênfase na História do Ensino Superior.

Estudar e escrever a História da Educação significa atuar, investigar e instigar a potencialidade do homem a partir do que se é enquanto homem, enquanto seres sociais; significa entender a História da Educação como uma construção que tem em si a condição de incitar o exercício do pensamento, a condição de optar, de tomar decisão sobre as diversas demandas do tempo presente. A História da Educação como uma das ciências da educação, pode possibilitar uma atitude crítica e reflexiva em condições de contribuir com a formação cultural e com o desvelamento da identidade social, e ao mesmo tempo, ampliar as possibilidades, a intenção e conseqüentemente, as escolhas. A História da Educação como uma das ciências da educação, revela que a educação é uma construção social, e esse fato renova o sentido da ação cotidiana e da prática de cada educador.¹

¹ RABELO, Islei Gonçalves; RODRIGUES, Rosângela Silveira. A história da educação e a formação docente: possibilidades e contribuições para uma prática emancipada e emancipadora. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 2010. 14p.

Nessa perspectiva, Neves e Martins² apontam transformações que ocorreram nos últimos quinze anos da estrutura e do funcionamento do ensino superior brasileiro sobre as quais cabem investigações: a) antecedentes históricos; b) caracterização do ensino superior brasileiro: organização institucional e financiamento; c) expansão do sistema: coexistência de sistemas público e privado; d) políticas recentes de acesso, inclusão e permanência no ensino superior; e) desenvolvimento do sistema nacional de pós-graduação *stricto sensu*; f) internacionalização acadêmica que vem ocorrendo nesse nível de ensino; e g) desafios a serem enfrentados. As questões são temas de interesse de dois estudos desenvolvidos na Museologia da UFRGS: o projeto de pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes” e o programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”.

A pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes”³ busca compreender como se constituíram/constituem os processos de produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais que legitimaram o conhecimento produzido no campo dos museus e museológico, tendo por premissa que agentes e organizações que atuaram/atua no campo museal estabeleceram uma operação teórico-metodológica para a legitimação da Museologia como campo científico e dos museus enquanto instrumentos culturais e de aprendizado. O desenvolvimento da investigação, que tem por um de seus interesses temáticos a história do ensino da Museologia, vai ao encontro do programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”, decorrência de um desejo de memória que constituiu uma coleção visitável composta por um patrimônio histórico educativo.⁴

² NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MARTINS, Carlos Benedito. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, Tom; ZEN, Eduardo Luiz; WELLER, Wivian; SHUGUANG, Jiu; KAIYUAN, Guo (org.). *Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira*. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p. 95-124.

³ Pesquisa CAAE 58646822.5.0000.5347 aprovada pelo Comitê de Ética via Plataforma Brasil em 20 de junho de 2022.

⁴ FARIA, Ana Carolina Gelmini de; MACHADO, Elias Palminor; SILVA, Ana Celina Figueira da; GIOVANAZ, Marlise. Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias: estratégias de preservação e difusão de um patrimônio da Educação Superior por meio do repositório digital Tainacan. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 8, p. 83-195, 2019.

A reflexão proposta, caracterizada como um estudo de caso de caráter qualitativo com abordagem descritivo-analítica, tem por processo metodológico a análise documental e a história oral, constituída a partir de fontes primárias coletadas, salvaguardadas e acessadas por meio do repositório digital do programa de extensão,⁵ organizado desde 2017. Tendo por desafio mapear relações possíveis de serem evocadas em evidências produzidas no cotidiano da formação em Museologia da UFRGS, foram concebidos sete eixos norteadores:

- Coleção Institucional: visa recolher e estabelecer correlação com sistemas da UFRGS que salvaguardam a documentação produzida na fase de planejamento, implantação e desenvolvimento da graduação em Museologia, de especializações episódicas na área e da pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS;
- Coleção Ensino: a coleção compreende o patrimônio e as práticas educativas vinculadas às disciplinas;
- Coleção Pesquisa e Extensão: abrange registros produzidos a partir de ações, projetos e programas de extensão e pesquisa fomentadas pelo corpo funcional da Museologia da UFRGS;
- Coleção Exposições Curriculares: propõe-se reunir registros vinculados às duas disciplinas obrigatórias de criação, desenvolvimento e exibição de uma exposição curricular: BIB03215. Projeto de Curadoria Expográfica e BIB03217. Prática de Exposições Museológicas;
- Coleção Eventos: a coleção compreende registros de eventos produzidos ou com parceria de representação discente, docente e técnico-administrativa vinculada ao curso de graduação em Museologia e/ou pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS;
- Coleção Saída de Campo: visa recolher registros das vivências vinculadas às saídas de campo realizadas pela graduação em Museologia e pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS;
- Coleção Itinerários: propõe-se realizar entrevistas com pessoas que possuem relação com a criação e o desenvolvimento do

⁵ Para conhecer o repositório digital, ver: <https://memoriamsufrgs.online/tainacan>. Acesso em: jan. 2024.

curso de graduação em Museologia, especializações episódicas e da pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS. Esta coleção será fundamentada na metodologia da história oral.

A proposta desse texto é compreender como foram as primeiras ações que viabilizaram as criações do curso de bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio na UFRGS, bem como seus desenvolvimentos, tendo por fontes primárias vestígios documentais coletados através do programa de extensão – fotografias, relatórios oficiais, materiais de divulgação das formações, entre outros – que favorecem uma análise documental, articulada com o emprego da história oral, método ancorado em testemunhos e depoimentos orais que viabilizam a manifestação de fontes normalmente excluídas dos relatos oficiais.⁶ Para o estudo, parte-se do que José Carlos Sebe Bom Meihy⁷ denomina de história oral temática, na qual busca-se “[...] a narrativa de um entrevistado sobre evento definido, preestabelecido. Os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse à medida que revelam aspectos vinculados à temática central”.⁸ Como fio condutor seis entrevistas serão norteadoras do exercício reflexivo, itens da subcoleção “Nos bastidores da Museologia: seleção de entrevistas”, que integra a coleção “Itinerários”.⁹ Priorizando protagonistas da história e a socialização de suas memórias, as entrevistas foram realizadas na disciplina “Tópicos Especiais e Memória Social”,¹⁰ e teve como orientação o guia de referência *Tecnologia Social da Memória*, realizado pelo Museu da Pessoa, no qual defende-se que:

⁶ ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

⁷ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

⁸ BRANCO, Samantha Castelo. História Oral: reflexões sobre aplicações e implicações. *Revista Novos Rumos Sociológicos*, v. 8, n. 13, jan./jul. 2020. p. 12.

⁹ Para acessar a coleção e suas subcoleções, ver: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecao/itinerarios/>. Acesso em: jan. 2024.

¹⁰ Disciplina ministrada pelas docentes Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz, tendo por discentes Amanda Trois da Silva, Clara Bastos Targa, Diogo Santos Gomes, Igor Duarte Flores Pinto, Isadora Medaglia Guarnier, Jefferson Magueta Trevisan, Jorge Fortuna Rial, Klara Maciel Albarenque, Lizandra Caon Bittencourt, Nina Mazim Dias, Rafaela Marques Mineiro, Sérgio Luiz Valentim Junior, Victoria Honnef Medeiros, Vinícius Bard Mathias de Souza, Vitoria Werlang Giraldo – idealizadores(as) das entrevistas realizadas ao longo do semestre letivo 2022/2.

- A História é uma narrativa. Não há uma única História já pronta. Ela é sempre narrada, contada por alguém. É um processo vivo, permanente. Por mais que fale do passado, a História é feita no presente e, de acordo com a percepção do grupo, ela pode mudar.
- A História é feita pelas pessoas. Toda pessoa é personagem e autora da História. De um lado, ela faz parte e se relaciona com os acontecimentos e rumos coletivos. De outro, participa da autoria desse registro. Como titular de sua trajetória de vida, toda pessoa tem direito de decidir o que quer contar sobre sua experiência, bem como de que forma e para quem quer transmiti-la.
- Toda história tem valor. A história de cada pessoa ou grupo é única, tem valor e merece ser preservada e conhecida. Não há histórias melhores ou piores, nem mais ou menos importantes.
- O uso das narrativas históricas faz parte do cotidiano. A história produzida merece ser preservada para as futuras gerações, mas só é preservado o que tem sentido social. Integrado ao dia a dia presente, de forma acessível e útil, o registro e o uso das histórias se perpetua. Tão importante quanto contar uma história é fazer com que seja ouvida e usada.
- O que é produzido socialmente deve ser apropriado pela sociedade. A história de cada um diz respeito à história de toda a sociedade. Deve-se garantir o acesso público e o amplo uso das narrativas históricas.
- A articulação das histórias contribui para uma nova memória social. Articuladas, as narrativas produzidas por diferentes indivíduos, grupos e instituições tecem uma nova memória social, plural e democrática.¹¹

Para compreender os contextos de criação das formações em Museologia na UFRGS (graduação e mestrado), seis docentes foram convidadas para partilhar suas memórias pessoais e profissionais vinculadas aos museus e à Museologia. Cada entrevistada assumiu diferentes papéis na construção e legitimação do ensino de Museologia no Sul do país, entre os quais se destacam o político, educativo e militante:

¹¹ MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia Social da Memória* – para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias, 2009. 51 p.



Iara Conceição Bitencourt Neves

Nº de registro: MSL6.3.1

Possui doutorado em Ciências da Comunicação, área de concentração: Ciência da Informação e Documentação pela Universidade de São Paulo (2000). Mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990). Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972). Professora aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atuou como docente, extensionista, consultora e pesquisadora, no âmbito da promoção e mediação da leitura, informação para a educação, gestão, processamento da informação e educação de usuários em Bibliotecas Públicas e em Bibliotecas Escolares.



Ana Maria Dalla Zen

Nº de registro: MSL6.3.2

Professora titular aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da mesma universidade. Possui graduação em História pela UFRGS (1971), mestrado em Educação pela mesma Universidade (1980) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) (2003). Realiza ações de ensino, pesquisa e extensão nos campos da sociomuseologia, ação cultural e educativa em museus, métodos e técnicas de pesquisa, museus comunitários e inclusão social, e extensão universitária.



Lizete Dias de Oliveira

Nº de registro: MSL6.3.3

Possui licenciatura em História (1988) e bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), mestrado / Diplôme d'Etudes Approfondies Archéologie des Périodes Historiques - Université Paris I (Panthéon-SORBONNE) (1994), doutorado em Histoire de L'Art et Archéologie - Université Paris I (Panthéon - SORBONNE) (1997), e pós-doutorado em Ciência da Informação - Universidade do Porto. É professora aposentada do Departamento de Ciências da Informação (DCI)

da Faculdade e Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom/UFRGS) e uma das docentes idealizadoras da graduação em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS). Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em arqueologia histórica e subaquática.



Zita Rosane Possamai

Nº de registro: MSL6.3.4

Professora titular do Departamento de Ciências da Informação (DCI) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da mesma universidade. Possui graduação em História pela UFRGS (1987), mestrado em História (1995) e doutorado em História (2001) pela mesma Universidade, e pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (2014). Realiza ações de ensino, pesquisa e extensão nos campos da história da educação em museus, investigação histórica e gestão do patrimônio cultural urbano e museus.



Marlise Maria Giovanaz

Nº de registro: MSL6.3.5

Historiadora e mestre em História (1999) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora assistente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Departamento de Ciências da Informação, atuando nos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Tem experiência nas áreas de História, Arquivologia, Museologia, com ênfase em história regional do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: museologia, memória social, história da cidade, Museologia LGBT e educação e patrimônio cultural.



Ana Celina Figueira da Silva

No de registro: MSL6.3.6

Graduada em História (1996) e Museologia (2011) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Ciência Política (2003) e doutora em História (2018) pela mesma instituição. Professora adjunta do Curso de Bacharelado em Museologia do Departamento de Ciências da Informa-

ção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e professora do curso de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS). Experiência na área museológica atuando principalmente nas seguintes áreas: Museologia, documentação em museus, história dos museus.

A partir de memórias partilhadas, aliadas às demais culturas materiais e visuais preservadas no programa de extensão, serão sistematizadas informações e impressões sobre as contribuições das entrevistadas em prol de uma Museologia no Sul do Brasil, investigando propostas e atuações que fomentaram a construção do ensino da Museologia realizado na UFRGS, posicionando-as como protagonistas do processo. Reitero aqui a perspectiva em história da educação que está sendo mobilizada para a escrita do texto: de acordo com Dermeval Saviani, o desafio de um historiador – e nesse contexto particularizo para historiadores da educação – **é lembrar o que os outros esquecem**. Para o autor cabe-nos lembrar à sociedade “[...] aquilo que, embora presente em sua prática cotidiana, tende a ser sistematicamente esquecido: que a situação na qual o trabalho educativo se processa, os avanços e recuos, os problemas que os educadores enfrentam são produtos de construções históricas”.¹² Ou seja, o processo educativo investigado é produto da ação dos que precederam e compreender sua historicidade potencializa o agir sobre o presente. Ao nos desafiar a pesquisar a história do ensino da Museologia, estamos recuperando indícios histórico-educativos que produzem tanto a consciência preservativa da memória da educação como a compreensão de sua essência enquanto ciência e instância de formação de sujeitos críticos da realidade.

Antecedentes: em busca de um ensino superior em Museologia na UFRGS

Em uma rápida contextualização, é possível se fazer a leitura de que a Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como ensino de graduação, tem sua história iniciada em 2008, quando

¹² SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. *EccoS - Revista Científica*, São Paulo, v. 10, n. especial, p. 147-167, 2008.

a primeira turma é constituída. Porém, 2008 é na história do ensino desse curso o resultado de longas negociações travadas entre diferentes agentes e organizações que atuam no campo dos museus no estado do Rio Grande do Sul – como a Secretaria da Cultura, o Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) e o Conselho Regional de Museologia (COREM 3ª Região) –, e do campo da educação – a exemplo da UFRGS e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que em 2006 inaugurou o ensino superior em Museologia nas suas ofertas de cursos de bacharelado. Na UFRGS, docentes que participaram ativamente da formulação do curso de Museologia no ensino do Reuni relatam que o desejo de constituir essa graduação já vinha dos anos 1980:

Iara Conceição Bittencourt Neves: A origem disto aqui [aponta para uma encadernação que uniu seus escritos sobre o planejamento do curso de graduação de Museologia na UFRGS, item MSL.1.6 do repositório digital do Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias] remonta ao ano de 1989 quando eu assumi [o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas], a convite do então professor Carlos [Jorge] Appel, secretário executivo de Cultura, que na época era o CODEC [Conselho de Desenvolvimento Cultural], depois é que ele implantou a Secretaria da Cultura. [...] conheci a Miriam [Regina Aloísio] Avruch, conheci a Teniza [de Freitas] Spinelli, que era a coordenadora do Sistema Estadual de Museus. Muito falante também, muito assim, aberta né... e aí ela se apresentou, eu me apresentei... “ahhh tu que é a Iara das bibliotecas... eu acho que nós temos que conversar”. “Ah, tu é da Universidade também, é?” “Sou da Universidade...”. “Onde é que tu leciona?” Eu disse, “eu leciono na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação no curso de Biblioteconomia, e eu sou bibliotecária...”, “Ahhhh então nós temos que conversar! Nós temos que conversar, porque eu estou dizendo pra Miriam [Regina Aloísio Avruch] que não adianta fazer curso de extensão para o grupo de museus [risos], que não adianta, que nós temos que criar o Curso Superior de Museologia [a entrevistada bate empolgada com a mão na cadeira para enfatizar a empolgação]. E nós vamos precisar de ti. Tu vai ter que abrir caminho para nós dentro da Universidade [UFRGS], para nós chegarmos lá, que a gente não consegue”. [...] E a polêmica veio cair nas minhas mãos. Por quê? Porque eu era o elo né, entre elas, a Cultura, vamos dizer assim e a Universidade [UFRGS], justamente dentro da Biblioteconomia.¹³

¹³ NEVES, Iara Conceição Bittencourt. Iara Conceição Bittencourt Neves. [Entrevista concedida a] Lizandra Caon, Isadora Guarnier e Igor Duarte Flores Pinto. Porto Alegre: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 31 jan. 2023. 26 p. p. 1-2; 6-8.

As memórias da professora Iara Conceição Bitencourt Neves dão visibilidade a profissionais que protagonizaram as primeiras negociações com a UFRGS, processo registrado com um discurso oficial no prefácio do “Projeto pedagógico do Curso de Museologia da UFRGS”, que invisibiliza as agentes envolvidas nessa construção ao destacar somente as organizações envolvidas – e não contemplar também suas representantes:

Há indícios da necessidade de formar profissionais museólogos(as) desde o início do século XX. Uma política para tal realização ganhou força nos anos 1990, quando entidades como o Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) e o Conselho Regional de Museologia 3ª Região (COREM 3ª Região) endossaram junto à Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a necessidade social de um curso de graduação em Museologia no âmbito do estado. Aconteceram anteriormente cursos de especialização, mas o campo museal sul-rio-grandense solicitava um estudo de viabilidade para a criação de um curso de graduação em Museologia. Naquele momento o estado tinha poucos museólogos, a maioria com a titulação por meio da opção de provisionado – ou seja, profissionais com pelo menos cinco anos de exercício na área –, possibilitada pela lei 7287 de 18 de dezembro de 1984. Em 2006 foi designado pelo Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (DCI/FABICO), através da Portaria nº 7/2006, um Grupo de Trabalho para o estudo da viabilidade da implantação do Curso de Museologia, integrado por docentes da Universidade e atuantes do campo.¹⁴

O curso de graduação em Museologia não se consolidou entre as décadas de 1980 e 1990, e a história oficial acabou por vincular os esforços internos à UFRGS a 2006, quando foi constituído um grupo de trabalho para planejar o projeto pedagógico do curso. Porém, as coletas realizadas pelo programa de extensão evidenciaram um documento com datas próximas a 1990, ou seja, um esforço iniciado há mais de uma década anterior. Na entrevista com Iara Conceição Bitencourt Neves, a docente se surpreendeu ao reencontrar tal documentação, intitulada “Curso de Graduação em Museologia

¹⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. *Projeto pedagógico do curso de Museologia*, Porto Alegre, 2023. 55 p.

- Anteprojeto: primeiros estudos”, datado na capa de 1991 (figura 1), escrita à mão por ela, e a contextualizou:

I.C.B.N. - [...] eu entrei como professora em 1981, mas isso aí já tinha sido... 1989... começou... acho que antes, antes mesmo (vê como são as coisas), antes mesmo das meninas da Museologia virem conversar comigo e eu assumir essa parte. Em 1989, a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] tinha essa ideia fixa de criar os três cursos aqui. Então ela foi diretora [da FABICO] nessa época, em 1980 e poucos, na gestão do [Francisco Luís dos Santos] Ferraz, ela um dia me chamou, a mim e a Ida Regina [Chittó Stumpf]: “vem cá que eu quero falar com vocês” (tá, fomos), “eu tenho uma tarefa para vocês” (eu não sei exatamente o ano, mas acho que foi entre 1985, 1986, por aí...), “eu vou pagar uma passagem de ida e volta, e hospedagem, para vocês fazerem uma visita a FEFIERJ [Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro]”, aliás, já era a UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro] e, se eu não me engano, a [Universidade] Federal Fluminense também que tinha Arquivologia. “E em São Paulo vocês visitam a USP [Universidade de São Paulo] para saber se eles estão implantando esses cursos, se vão implantar, se existe e como é que está funcionando. Vocês têm essa tarefa, vocês vão, façam a visita, entrevista, façam um relatório e me entreguem, que nós vamos começar a movimentar isso aqui”. E aí nós fomos, eu e a Ida Regina [Chittó Stumpf]. Nós ficamos acho que quase uma semana, entre São Paulo e Rio [de Janeiro], fizemos as entrevistas, aí que nós conhecemos pessoalmente o prédio da UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro] [...] conhecemos as coordenadoras, do curso de Museologia e do curso de Arquivologia, que depois a gente teve um contato mais direto com a Arquivologia, a Museologia nem tanto, porque custou muito para agilizar isso aqui. [...] E a gente foi a São Paulo também, lá não tinha Museologia, depois que foi criado e não foi dentro da ECA [Escola de Comunicações e Artes] [...] a Museologia, quando começou esse movimento, foi no museu [refere-se aos museus universitários da Universidade de São Paulo] se eu não me engano. [...] [segura a encadernação, emocionada em revê-la]. Nós fomos atrás dos cursos [interrompe e folheia uma página dos documentos] [...] Marlise [Giovannaz], eu jurava que isso aqui [a encadernação] tinha se perdido para a demolição da biblioteca escola!¹⁵

¹⁵ NEVES, Iara Conceição Bittencourt. *Op. cit.*, p. 13-15.



Figura 1. Professora Iara Conceição Bittencourt Neves com projeto do curso de Museologia das décadas de 1980-1990. Fonte: Fotografia de Sérgio Valentim. Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2024.

Com seu depoimento, Iara Conceição Bittencourt Neves revela o desejo de algumas docentes da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) em conceber dois cursos de graduação, que atuariam articulados ao curso de Biblioteconomia: Arquivologia e Museologia que juntos formariam, em suas expectativas, uma tríade centrada nas Ciências da Informação. A docente Ana Maria Dalla Zen inclui, ainda, o interesse de alguns agentes por um curso de Restauração: “[...] a chefe de departamento, a Iara [Conceição Bittencourt Neves], uma pessoa empolgadíssima com Museologia e Arquivologia, com Biblioteconomia, e queria também implantar o curso de Restauro no Departamento [de Ciências da Informação]”¹⁶, ideia que não vingou. O curso de graduação em Arquivologia foi fundado em 1999 pelo Conselho Universitário da UFRGS, com sua primeira turma ingressando no ano de 2000. A graduação em Museologia viria se constituir oito anos depois.

¹⁶ ZEN, Ana Maria Dalla. Ana Maria Dalla Zen. [Entrevista concedida a] Jorge Fortuna Rial e Victoria Honnef Medeiros. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 28 fev. 2023. 25 p. p. 12.

Em 2006, um grupo de trabalho para o estudo da viabilidade da implantação do curso de Museologia foi implementado na FABICO, que teve com a proposta de vincular o projeto ao Reuni a oportunidade de sua realização. O grupo possuía docentes da unidade e pessoas externas à FABICO, a exemplo de docentes do Instituto de Educação. A professora Marlise Giovanaz, que integrou esse grupo de trabalho (figura 2), rememorou sua dinâmica:

M.M.G. - A professora, quem comandou o processo todo foi a professora Iara [Conceição Bitencourt Neves], sempre muito cuidadosa, mas também muito, muito formalista, isso foi importante. Ela [Iara Conceição Bitencourt Neves] buscou o Sistema Estadual de Museus, buscou o Conselho Regional [de Museologia], buscou por gente especialista na questão pedagógica. O grupo que formou oscilava, não foi sempre o mesmo. Quando eu entrei aqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] já fui em seguida indicada para fazer parte do grupo também, né?! Então a Lizete [Dias de Oliveira], a professora Martha [Eddy Krummenauer Kling Bonotto] participou bastante, bem ativamente. A gente fazia reunião semanal, então havia uma pesquisa sobre como os cursos [de Museologia] que já existiam, sobre as diretrizes curriculares. Eu me lembro de um debate grande, para saber qual era o perfil do profissional, o que se esperava, qual era a missão do curso [de Museologia], todos os aspectos que hoje continuam presentes no projeto pedagógico foi seu primeiro desenho. Então era um grupo que tinha os debates mais genéricos, depois no momento da implementação do curso [de Museologia], o grande documento tornou-se o primeiro projeto pedagógico do curso [de Museologia]. A versão final do documento tem muito da mão da professora Ana [Maria] Dalla Zen e do Valdir [José Morigi]. Daí já pensando numa questão mais prática, porque primeiro, uma coisa é a comissão para a criação do curso [de Museologia], que pensou mesmo nas suas perspectivas a longo prazo, de pensar o que é o perfil do profissional, sua missão, como é que nós podemos desenhar esse curso [de Museologia]. Outra coisa é moldar o projeto ao Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], são dois momentos diferentes. A comissão é anterior, inclusive ao Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais]. E aí passou a ideia de fazer parte desse programa de reestruturação universitário proposto lá em 2004, 2005, pelo governo Lula [Luiz Inácio da Silva], e que a UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] aceitou fazer parte, e foi o que tornou possível a Museologia ser implementada.

Se não fosse pelo Reuni [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], o curso [de Museologia] não teria acontecido [...].¹⁷



Figura 2. Grupo de trabalho para o estudo da viabilidade da implantação do curso de Museologia na FABICO/UFRGS. Fonte: Item MSL1.10 do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2024.

A professora Lizete Dias de Oliveira detalha algumas ações desenvolvidas pelo grupo de trabalho, no qual também foi integrante:

L.D.O. - Era um grupo bem heterogêneo. Eu lembro que tinha a professora Iara [Conceição Bitencourt Neves], tinha a professora Martha [Eddy Kling] Bonotto, também. Acho que talvez vocês vão entrevistá-la, não sei. Ela participou durante toda a primeira fase. Porque a gente começou fazendo uma pesquisa de mercado, que era o que precisava para o curso. Então, fizemos uma pesquisa de mercado, tabulamos e ao mesmo tempo a gente ia discutindo como seria o currículo. Fizemos um estudo sobre os cursos de Museologia que existiam naquela época. Eu acho que eram dois ou três, se

¹⁷ GIOVANAZ, Marlise Maria. Marlise Maria Giovanaz. [Entrevista concedida a] Klara Maciel Albarenque. Porto Alegre: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; projeto de pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, 7 de março de 2023. 18 p. p. 8-9.

não me engano. E foi um processo bem longo. Não me lembro quanto tempo durou, mas a gente se reunia de tarde, se não me engano... Estou com a memória um pouco “assim”... Mas a gente se reunia uma vez por semana para discutir o curso ali, na antiga Biblioteca Escola.¹⁸

Os resultados obtidos no estudo realizado pelo grupo de trabalho tornaram-se indicadores importantes para justificar a criação de uma segunda graduação em Museologia no estado do Rio Grande do Sul, uma vez que no mesmo ano de formação do grupo foi fundado curso na UFPel. Esses resultados historicizam a valorização do ensino superior em Museologia, compondo desde o primeiro projeto pedagógico da graduação em Museologia da UFRGS o histórico do Curso:

[A] pesquisa realizada naquele momento detectou que somente uma graduação não era suficiente para suprir as necessidades desses profissionais no estado. Entre os resultados mais significativos da pesquisa realizada pelo grupo de trabalho instituído no DCI/FABICO citam-se:

a) cerca de 35% dos museus daquele período se caracterizavam como museus históricos, e em percentuais menores, museus antropológicos, arqueológicos, de ciências naturais e artes. Desse modo, o acervo histórico, considerado como o de maior abrangência, era predominante nos museus em todas as regiões do estado;

b) no que se refere ao tipo de instituições de que fazem parte, 69% eram públicas e mantidas por instituições municipais. Já os museus mantidos pelo governo estadual (18%) e federal (13%) localizavam-se em municípios de médio e de grande porte, como Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre;

c) apenas 9% dos profissionais que atuavam em museus possuíam registro junto ao COREM 3ª Região, especialmente na modalidade de provisionados. Este fato, por si só, expunha a carência de formação profissional e a demanda por museólogos;

¹⁸ OLIVEIRA, Lizete Dias de. Lizete Dias de Oliveira. [Entrevista concedida a Klara Maciel Albarenque, Vitória Werlang Giralde e Sérgio Luiz Valentim Júnior. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 7 de fevereiro de 2023. 15 p. p. 2-3.

d) embora os entrevistados tenham declarado que a forma de ingresso na instituição museu tenha sido por concurso, na maioria das vezes isso correspondia ao ingresso no serviço público e, não necessariamente, na função específica, pois também sinalizaram, na ficha, que estavam exercendo a função de museólogo por convite e/ou por função gratificada;

e) não havia profissionais habilitados atuando na grande maioria das 168 instituições museais públicas e privadas em funcionamento no estado no ano de 2006;

f) as funções específicas de museólogos permaneciam sendo exercidas por outros profissionais que, por maior que fosse seu empenho e motivação, não possuíam formação teórica, metodológica e técnica adequadas para isso;

g) em 2006 o número de profissionais cadastrados no COREM 3a Região decresceu de 110 para apenas 79 profissionais.

Este histórico permite vislumbrar a importância da criação do Curso de Museologia da UFRGS no sentido de sanar uma lacuna expressiva no desenvolvimento desse campo no Rio Grande do Sul. Assim sendo, o Curso teve autorização de funcionamento pela Decisão nº 223/2007, do Conselho Universitário da UFRGS, em sessão de 20 de julho de 2007, tendo em vista o constante no processo nº 23078.031830/06-11, de acordo com o parecer nº 138/2007 da Comissão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Recursos. Em 2008 foi realizado o vestibular e houve o ingresso da primeira turma de 30 alunos.¹⁹

Importante salientar que, segundo Bourdieu, “[...] um campo é um universo em que as características dos produtores são definidas pela sua posição em relações de produção, pelo lugar que ocupam num certo espaço de relações objetivas”.²⁰ Logo, nos campos há interesses específicos e, conseqüentemente, agentes que influenciam e são influenciados pelas determinações, coações sociais, escolhas e poder que reforçam seu capital simbólico: “[...] aqui como em outros lugares observam-se relações de força, estratégias, interesses. [...] a noção de campo obtém-se o meio de apreender a particularidade na generalidade, a generalidade na particularidade”²¹. Seria errôneo buscar reconstituir essa história sem

¹⁹ UFRGS. *Op. cit.*, p. 5-6.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003. 288 p. p. 86.

²¹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p. p. 170-171.

conflitos e negociações, conjunturas próprias do processo de formação e legitimação de um campo nas relações de força entre os agentes. O processo de implementação da graduação em Museologia na UFRGS não foi harmônico:

V.W.G. - E houve alguma resistência ou algum empecilho para a criação do curso?
L.D.O. - Sim, muitos! [Risos]. Muitos. Aí entramos já na lama [risos]. Houve muitos problemas e ao mesmo tempo uma conjuntura nacional muito favorável ao curso, porque teve o REUNI [Programa de Apoio a Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] e foi o REUNI que fez com que o curso pudesse realmente acontecer. [...] Tinha sim. Vocês vão ver pela história da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] e pela própria discussão de vagas. O curso de Museologia ganhou dez vagas, mas a questão nas plenárias era: para quem iriam estas vagas? E numa democracia, cada voto vale um. Como a maioria era da Biblioteconomia, as vagas iam para a Biblioteconomia ou era uma negociação tão difícil, sabe? Se tu me perguntas se houve alguma resistência, eu lembro a sensação no corpo. De sair dura, de cada vez que eu saía da plenária sentir vontade de chorar, sabe? Porque era uma coisa que, por mais que a gente imaginasse qual seria o próximo empecilho para a criação do curso, a imaginação nunca alcançava a realidade. Foi bem difícil a implantação. Ao mesmo tempo, deu condições da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] ser o que é.²²

Ainda que com conflitos constantes, a graduação em Museologia na UFRGS era a partir de 2007 uma realidade que teria, em 2008, sua primeira turma. Esse também foi um processo de construção: cabia, a partir de então, um engajamento de fortalecimento e legitimação da Museologia enquanto campo disciplinar, ou seja, “[...] entendida como o conjunto dos seus parâmetros definidores, ou como aquilo que a torna realmente única, específica, e que justifica a sua existência - em poucas palavras: aquilo que define a disciplina em questão por oposição ou contraste em relação a outros campos disciplinares”²³.

²² OLIVEIRA, Lizete Dias de. Op. Cit, pp.4-5.

²³ BARROS, José D’Assunção. Uma “Disciplina” - entendendo como funcionam os diversos campos de saber a partir de uma reflexão sobre a História. In: *OPSIS*, Catalão, v. 11, n. 1, pp. 252-270, 2011. p.256.

As primeiras configurações da graduação em Museologia na UFRGS

A docente Ana Celina Figueira da Silva assumiu diferentes papéis na história da Museologia da UFRGS, pois, antes de ser professora, foi discente da formação, compondo a primeira turma ingressante, em 2008. A partilha de suas memórias permite observar uma outra perspectiva sobre o início do curso de graduação em Museologia. Em seu relato, observa-se que integrantes da primeira turma cultivavam por anos o desejo de fazer essa formação, mas pelo distanciamento das universidades que ofereciam o curso superior adiaram esse projeto de vida até o anúncio da oferta em 2007 na capital do estado do Rio Grande do Sul, fato que gerou grande expectativa e adesão:

A.C.F.S. - Aí como é que eu fiquei sabendo do curso [de Museologia]? Porque ficou sempre aquela coisa, né? Ah, queria trabalhar em museu, queria estudar museus, queria estudar Museologia, né? E não dava, era no Rio [de Janeiro], não tinha como ir, ou na Bahia, muito menos. Aí o meu companheiro, na época, meu ex-marido, ele fazia Arquivologia aqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. Ele foi da primeira turma, ele também já tinha feito História. E ele fez mestrado aqui, né? Na Comunicação. E eu vim no dia da defesa. E aí estava a [Ana Maria] Dalla Zen, que eu não conhecia, a Lizete [Dias de Oliveira], que eu também não conhecia, e um professor lá de Santa Maria. E o Valdir [José Morigi], que era o orientador. E no final, ali, depois que saiu o resultado, eles estavam conversando, comentando, e o Valdir [José Morigi] falou assim, acho que para [Ana Maria] Dalla [Zen], ah, vai sair, né? Isso foi em 2007. Vai sair o curso de Museologia... e eu como assim? E aí eles foram tomar um café no bar do anexo [Anexo I Saúde]. E aí eu perguntei para o Valdir [José Morigi], que era uma pessoa que eu nunca tinha visto na vida. Eu disse... como é? Ele [Valdir José Morigi] disse: "vai ter o curso [de Museologia], já está tudo pronto, vai ter o vestibular.". E eu, ah! Aí eu cheguei em casa, assim, comecei a cuidar no site da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], porque ele [Valdir José Morigi] também não me deu muitas informações. E fiquei olhando, assim, cuidando. Até que um dia saiu uma notinha na página, assim, uma nota, né? Dizendo que a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] ia fazer uma apresentação para a comunidade do curso de Museologia, que era um curso novo, e ia ter o primeiro vestibular em 2008. Aí, ao mesmo tempo, eu fiquei assim, ah, será que eu sou comunidade? Fiquei pensando. E eu, ah, que

comunidade é essa? Aí eu liguei para cá [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], para a secretaria, tinha ali o contato, e perguntei: “qualquer pessoa pode?” “Pode, é aberto”. Aí eu, opa, né? Eu dava aula lá na Vila Mário Quintana, Chácara da Fumaça, uma escola que eu estava lá já há bastante tempo. E naquele dia, justamente, eu dei sorte, porque eu dava aula só de manhã. Aí eu pensei, bom, eu chego, venho de lá e venho para a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], né? Era no auditório 1 e foi um dia muito legal, porque eu estava na dúvida se eu fazia vestibular ou não, porque eu já estava com 41 anos. [...] . E a [Ana Maria] Dalla [Zen], nesse dia, ela estava deslumbrante. E aí ela apresentou o curso, assim, falou, toda feliz da vida, que ia começar, que era uma batalha de muitos anos, que eles agora conseguiram. [...] Assim, apresentaram o curso [de Museologia] e a gente recebeu ali um folder [figura 3], que tinha as possibilidades, mercado de trabalho, enfim. Aí eu saí tão feliz ali, pensei, ah, vou fazer, bem animada... foi uma injeção de ânimo. Ali que eu decidi que eu ia fazer. Eu fiz em janeiro de 2008 o vestibular. [...] Eu entrei, e agora? O curso era de tarde. Aí eu dei todo um jeito de conseguir ir na escola, redução de cargo horária, ficar de manhã e de noite e fui muito naquela perspectiva, vou fazer o primeiro semestre para ver se é ok... já pensou aquela gurizada? Eu vou ser a vó da turma, né? Mas aí eu cheguei e, para minha surpresa, tinha vários colegas da mesma idade ou mais do que eu. Claro, tinha alguns jovens também, mas a primeira turma tinha essa característica que eram pessoas que já tinham uma outra profissão e alguns trabalhavam já em algumas instituições de cultura e queriam legitimar a profissão, mas a maioria era mais velha, assim, como eu. Então, não me senti um peixe fora d’água. E foi muito receptivo. A própria Faculdade [de Biblioteconomia e Comunicação] nos recebeu super bem. A gente sentia que era um desejo grande dos professores e eles tinham muita alegria de que o curso [de Museologia] estava acontecendo. Mesmo com todas as dificuldades, mesmo não tendo um museólogo efetivo, um professor efetivo, nós tínhamos uma professora museóloga que era substituta, a professora Valéria [Regina] Abdalla [Farias], que tinha vindo do Rio de Janeiro e ela fez a seleção para substituto. Mais nova do que a gente, acho que ela tinha uns 23, 24 anos, e ela que nos deu as disciplinas que era assim do núcleo duro da Museologia. Todos os outros professores não eram [museólogos]. Então, tinham problemas, mas, ao mesmo tempo, era uma vontade... depois de tanto tempo... ²⁴

²⁴ SILVA, Ana Celina Figueira. Ana Celina Figueira da Silva. [Entrevista concedida a] Vinícius Bard Giraldo. Porto Alegre: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; projeto de pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, 14 mar. 2023. 27 p. p. 4-7.

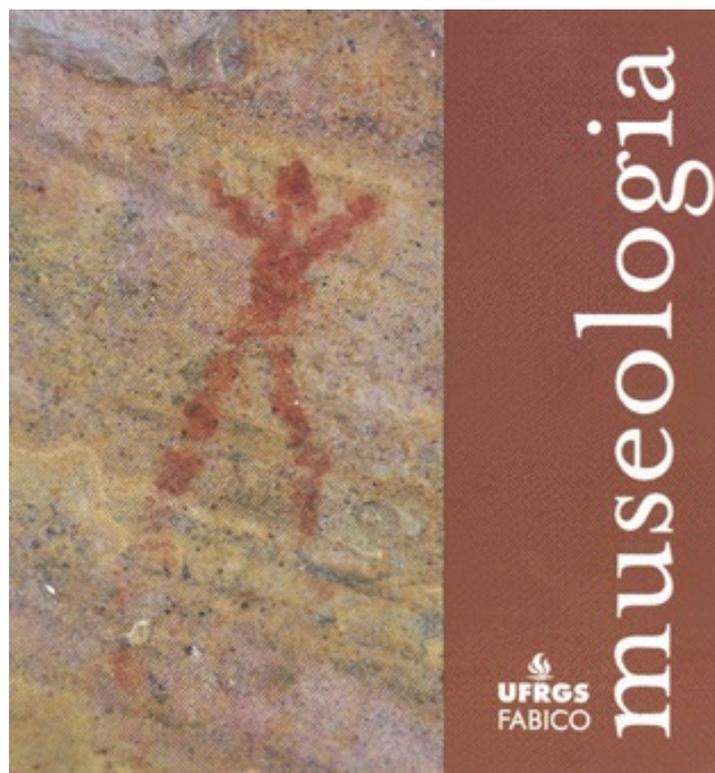


Figura 3. Folder da implantação do Curso de Museologia na FABICO/UFRGS.

Fonte: Item MSL1.20 do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2024.

O relato da professora Ana Celina Figueira da Silva, rememorando a época de discente da primeira turma da graduação, evidencia um dos grandes desafios enfrentados pelos cursos de graduação em Museologia criados no ensejo do Reuni: a formação do corpo docente multidisciplinar, incluindo, inclusive, museólogos(as). No caso da UFRGS, a graduação foi contemplada com dez vagas docentes, mas suas ocupações exigiram espera da liberação das vagas e um longo processo de negociações entre cursos, escolhas de perfis, composição de editais e realização de concursos, processo que levou anos. A docente Zita Rosane Possamai analisa as dificuldades envolvidas:

Z.R.P. - [...] o curso [de Museologia] foi criado com as condições que se tinha, com professores da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], porque não tinha como criar com professores que não existiam, depois vieram as vagas, as famosas dez vagas, para suprir as demandas de áreas da Museologia, então essa criação aconteceu nessas condições, nesses termos e com o curso [de Museologia] criado num tronco comum, ou seja, com cadeiras que iam servir para Arquivologia, para Biblioteconomia e para

a Museologia, foi desse modo que ele foi pensado. Nós não tínhamos professores, essa era a verdade, tínhamos uma professora substituta, a Valéria [Regina] Abdalla [Farias]. Foi a nossa super museóloga, que supriu uma série de demandas [...] Nos primeiros concursos tivemos muita dificuldade, a gente não sabia qual era o sapo que estava enterrado aqui, essa que era a verdade, porque os museólogos não se inscreviam para o curso [de Museologia], a gente não sabia o que era, até hoje é um mistério saber o que acontecia que não vinham museólogos fazer o concurso [...].²⁵

A docente Ana Celina Figueira da Silva demonstra como suas memórias de discente da primeira turma de graduação em Museologia vinculam-se à cultura material que contextualiza o período, processo que torna objetos funcionais em objetos simbólicos para o sujeito que se relaciona com essa materialidade, e documento social na perspectiva museal (figura 4):²⁶

V.B.G. - Vimos que trouxe alguns objetos... poderia compartilhar conosco?
A.C.F.S. - Ah, minhas coisinhas [risos]. Eu trouxe porque hoje em dia tudo a gente faz pelo site, a matrícula..., mas ainda em 2008 a gente ainda ganhava um guia acadêmico, que era um livrinho que aqui falava, apresentava a UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], e no final a gente tinha a grade curricular, a minha está toda marcadinha, porque eu ia fazendo aquela coisa, vou ver se dá esse semestre, se eu continuo, aí eu ia marcando em verde o que eu já tinha feito, assim, sabe? Aí quando chegou lá pela metade, já que eu fiz até a metade, agora vou, claro, vou continuar. Aí tinha a grade aqui e é bom porque fica o registro das disciplinas, do primeiro currículo, e também as eletivas, o número total de créditos, na época eram 139, créditos obrigatórios eram 91, e eletivos 40, complementares também eram 8 créditos. Eu achei interessante porque é um registro do curso [de Museologia], depois se vocês quiserem dar uma olhadinha [mostra sua grade curricular impressa no papel], aí eu botava do lado os conceitos, minha avaliação...²⁷

²⁵ POSSAMAI, Zita Rosane. Zita Rosane Possamai. [Entrevista concedida a] Diogo Santos Gomes, Nina Mazim Dias, Jefferson Magueta Trevisan e Vinícius Bard Mathias de Souza. Porto Alegre: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; projeto de pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, 14 fev. 2023. 24 p. p. 16-17.

²⁶ HORTA, Maria de Lourdes Parreira. O "link" (ou a relação) das coisas com os objetos, com os documentos, com o museu e o que isso tudo quer dizer... *Museion*, Rio Grande do Sul, p. 43-52, 2014.

²⁷ SILVA, Ana Celina Figueira. *Op. cit.*, p. 21.

ção de muito esforço empreendido na legitimação da graduação em Museologia. Porém, as narrativas não se apresentam como algo protocolar de uma jornada de trabalho, mas como um projeto coletivo, desejado, abraçado e militado por todos os envolvidos (discentes, docentes e técnicos-administrativos):

Z.R.P. - [...] na época, aproveitávamos o limão azedo pra fazer uma limonada doce, que na verdade era reestruturar o curso [de Museologia], passamos então a fazer um estudo na COMGRAD [Comissão de Graduação], chamando os professores e tal, fizemos muitas reuniões, ali no térreo né, Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]? Na sala que era do CRIAMUS [Laboratório de Criação Museográfica], lá na sala 101 da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], fizemos muitas reuniões, discutindo que perfil nós queríamos, discutindo a legislação do MEC [Ministério da Educação], discutindo a grade curricular. Olha, foram reuniões, reuniões, muitas reuniões para pensar esse currículo que está o mais próximo do que vocês têm hoje, foi um processo muito interessante, uma construção coletiva.²⁹

M.M.G. - Acho que foi uma longa trajetória. A gente teve alguns baques, que também resultaram em coisas muito interessantes, é do tombo que a gente faz alguma coisa, né?! Então, que resultaram em mudanças do currículo, que resultaram em trazer mais gente para cá e parcerias. Tudo. Cada coisinha que hoje, para nós, parece simples, foi conquistado gente! Então, assim, na semana passada estávamos lá entrevistando a Ana [Maria] Dalla Zen, naquele lugar [Mezanino do Museu da UFRGS] onde acontecem as exposições curriculares do curso de Museologia. A primeira exposição foi lá no Memorial do Rio Grande do Sul. Depois foi no Memorial do Ministério Público, porque a gente não tinha um lugar. As pessoas diziam: “Ah, vamos fazer uma exposição aqui no saguão da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]”... não, a gente é muito maior que isso, a gente é criativa, a gente faz coisas incríveis, a gente faz, inventa e reinventa, né? Então até conquistar aquele lugar [Mezanino do Museu da UFRGS], até que ele fosse registrado como um espaço laboratório nosso, aquilo foi um processo longo, né?! Então, os laboratórios de Criação Museológica, de Conservação [Cultura Material e Conservação], tudo isso a gente foi dando passinhos e esses passos foram consolidando o nosso lugar. Hoje, aquela facção que se constituiu quando eu cheguei aqui, já é uma facção maior. [...] É que eu sempre digo é aqui no cotovelo, né? Vai, vai abrindo espaço assim, conforme dá.³⁰

²⁹ POSSAMAI, Zita Rosane. *Op. cit.*, p. 18.

³⁰ GIOVANAZ, Marlise Maria. *Op. cit.*, p. 17.

Esse movimento articulado, de militância em prol do desenvolvimento de um campo disciplinar, permitiu que as docentes liderassem iniciativas que traçaram um novo projeto de ensino superior em Museologia: o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.

Rumo à Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

O Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da UFRGS é produto de um desejo cultivado há décadas de realizar uma formação em nível de pós-graduação que tivesse por áreas de concentração a Museologia e os Estudos do Patrimônio Cultural. Ocorreram no estado do Rio Grande do Sul algumas iniciativas de pós-graduação *lato sensu* que expressavam o desejo de amadurecer tais ações para um programa *stricto sensu*, inicialmente em nível de mestrado, mas tais esforços não avançaram e as especializações ficaram limitadas a poucas edições.

O ano de 2015 foi determinante para a graduação em Museologia da UFRGS. Em 2012 ocorreu a primeira avaliação do Ministério da Educação e a comissão escalada atribuiu nota 2,00 (em escala que vai até nota 5,00) para a graduação. Há algumas hipóteses para uma atribuição classificatória baixa, que levaria ao fechamento do curso. A docente Zita Rosane Possamai aponta uma possibilidade:

Z.R.P. - Acho que ali a gente decidiu se o curso [de Museologia] ia continuar existindo ou não porque estava propenso a não existir mais...do meu ponto de vista, quando ele foi avaliado pelo MEC [Ministério da Educação] né! Recebemos a nota do MEC [Ministério da Educação] e a nota foi muito baixa, e eu digo com toda a tranquilidade que houve uma mobilização da Museologia em nível nacional pra penalizar os cursos que não tivessem museólogos [...].³¹

Outra hipótese levantada foi o compartilhamento de disciplinas com os cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, inserindo a Museologia nos estudos da Ciência da Informação, posição no campo

³¹ POSSAMAI, Zita Rosane. *Op. cit.*, p. 17.

científico que não é de consenso. O resultado condicionou a graduação a um Protocolo de Compromisso iniciado em 2014, no qual o corpo docente e técnico-administrativo se comprometeu a desenvolver estratégias de aprimoramento do curso no recorte temporal de um ano. Tal posição implicou em uma profunda reestruturação da graduação, implicando em mudanças pedagógicas, a exemplo de reforma curricular, e conquistas políticas, como a obtenção de parte das dez vagas do Reuni para a finalização da composição do corpo docente, com concursos específicos para docentes museólogos(as). O desenvolvimento do protocolo de compromisso resultou, em sua avaliação realizada no início do ano de 2016, no conceito 4,00 (em escala que vai até conceito 5,00), que equipara a Museologia da UFRGS ao conceito das demais graduações em Museologia do país.

Esse movimento, se em primeiro momento pareceu alarmante, tornou-se um motivador da consolidação da graduação em Museologia da UFRGS, favorecendo a retomada de novos projetos de ensino, como a pós-graduação. O Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio (GEMMUS) foi um impulsionador desse movimento, tendo as mostras de pesquisa como um espaço de debate teórico-metodológico que favoreceu constituir a identidade do mestrado idealizado pelo coletivo (figura 5):

N.M.D. - E do Gemmus [Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio]...
Z.R.P. - Quando eu vim para cá [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], acho que a Ana [Maria] Dalla Zen já tinha uma ideia, ela é um pouco parecida comigo, a gente pensa lá adiante. E... a [Ana Maria] Dalla [Zen] disse "ah, a gente vai querer fazer uma pós-graduação, vamos criar um grupo, precisamos de um grupo"... Aí criamos o GEMMUS [Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio]. Todos os professores do curso [de Museologia], evidentemente, participaram, e com pessoas de fora, convidamos a Eloisa [Helena] Capovilla [da Luz Ramos] da UNISINOS [Universidade do Vale do Rio dos Sinos], a professora Hilda Jaqueline [de Fraga], que hoje tá na UNIPAMPA [Universidade Federal do Pampa], muitas pessoas, congregou estudantes que passaram por iniciação científica, os que eu orientava também, então foi um tempo né, de treze anos ele já tem... dá pra dizer que o GEMMUS [Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio] foi um substrato bem importante na hora de fazer justificativa do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio], porque a pós-graduação é um grupo de professores que atuam em grupo. A gente orga-

nizava conferências internacionais, conferências nacionais, aulas abertas, a mostra de pesquisa do grupo, foi realmente uma iniciativa fundamental para criar o programa de pós-graduação depois.³²

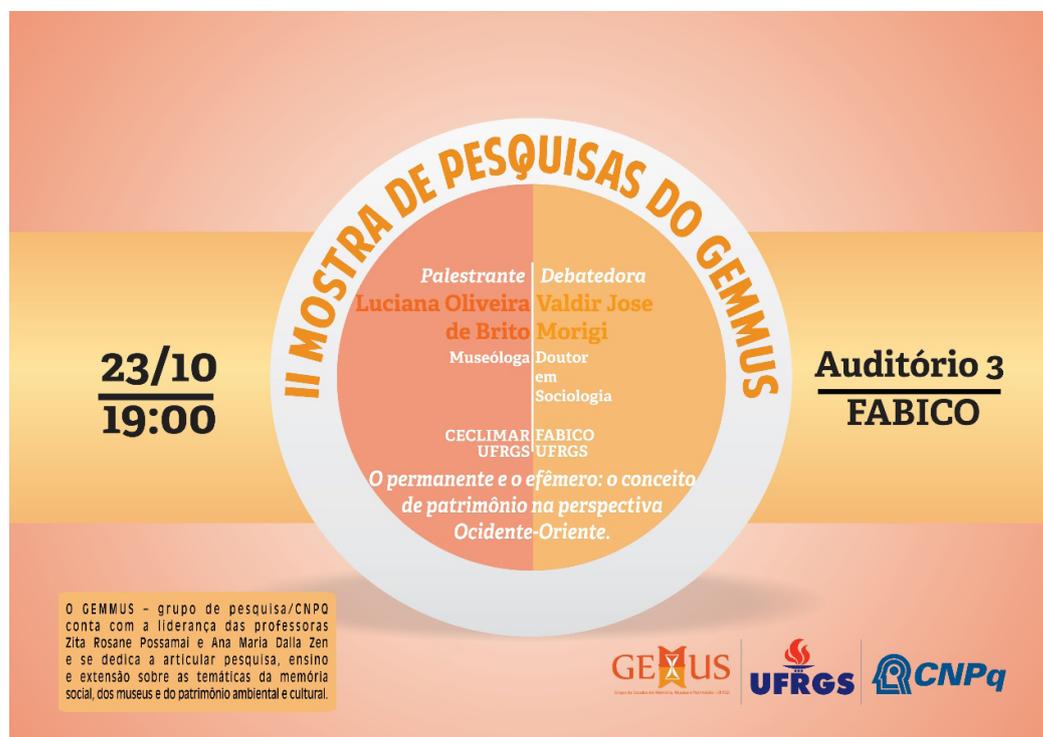


Figura 5. Cartaz II Mostra de Pesquisas do GEMMUS, 2014. Fonte: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, 2024.

A professora Ana Maria Dalla Zen relata suas impressões sobre os receios que envolviam a concepção do PPGMusPa/UFRGS:

V.H.M. - E como professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio? Qual sua percepção sobre os primeiros cinco anos do Mestrado?
A.M.D.Z. - Como a graduação, a pós-graduação também foi embalada pelos nossos sonhos. Tínhamos medo de que nas primeiras edições não tivéssemos inscritos e, depois a seleção, desistências no meio do processo, o que é terrível para o programa, pois incide em sua avaliação. Mas, a qualidade das dissertações que têm sido apresentadas é muito significativa, então isso representa um fator de sucesso muito grande das coordenações, mas que é uma luta muito forte.³³

³² POSSAMAI, Zita Rosane. *Op. cit.*, p. 18-19.

³³ ZEN, Ana Maria Dalla. *Op. cit.*, p. 19.

A docente Zita Rosane Possamai detalha as articulações que culminaram na criação do do PPGMusPa/UFRGS:

N.M.D. - E como é que foi a concepção do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]?

Z.R.P. - A questão mais complicada de um Programa de Pós-Graduação é ter os professores em número suficiente para criar. Essa foi a questão mais difícil. Nós ficamos adiando, adiando, porque nós não tínhamos dez professores, e a maioria tem que ser da casa [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] que nós considerávamos que era o número que deveríamos ter para criar o Programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]. Nós vivíamos contando nos dedos, eu e a [Ana Maria] Dalla [Zen], cada vez que a gente se encontrava contava nos dedos quantos professores a gente tinha. E a gente sempre contava uma mão, porque tinha que ser professores doutores, então a gente contava, tem eu, tem a [Ana Maria] Dalla [Zen], tem a Jeniffer [Alves Cuty], tem a Lizete [Dias de Oliveira], tem o Valdir [José Morigi], a gente tinha cinco né. Faltam cinco. Aí depois que entrou a Fernanda [Carvalho de] Albuquerque, nós tínhamos seis, opa, precisávamos só de mais quatro. E aí nós temos que ao compor esse grupo, além de pensar todas as funções que a CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] coloca, a gente tem que pensar também nos limites da legislação da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Então eu me lembro que fui lá conversar com a presidente da Câmara de Pós-Graduação, que felizmente na época, era a professora Cláudia Wasserman, que tinha sido minha professora de História da América 3, então assim, uma pessoa que eu já conhecia, então foi um trânsito bem tranquilo, ela [Cláudia Wasserman] me deu algumas orientações, e eu também fui estudando a legislação e sempre pensando: mais quem? Porque tem um limite em relação a professores que estivessem atuando em outra pós-graduação. Uma pessoa foi a professora Ana Albani [de Carvalho]. A professora Ana Albani [de Carvalho] foi convidada porque alguns anos antes, quando ela estava na coordenação do PPGAV [Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais], conversei com ela [Ana Albani de Carvalho] rapidamente, que se prontificou a fazer uma parceria conosco para criar o programa de pós-graduação em Museologia. Então o convite veio muito nesse sentido, e ela [Ana Albani de Carvalho] ficou muito lisonjeada e aceitou prontamente. A gente poderia ter um único professor de fora da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], convidamos a professora Letícia Julião, porque ela também não estava em nenhum programa [de pós-graduação], pensamos em muitas outras pessoas, mas todos já estavam em programa [de pós-graduação], então não podia ser. Pensamos no Camilo [de Mello Vasconcellos], pensamos na [Maria] Cristina [Oliveira] Bruno, pensamos em vários, mas

não podia porque já estavam em programas [de pós-graduação] e tinha que ser alguém que não estivesse em nenhum, daí veio a Letícia [Julião]. A professora Luisa [Gertrudis Durán Rocca] também foi fundamental porque tínhamos daí uma professora da Arquitetura relacionada à questão da restauração, do patrimônio, foi também fundamental, e nossa, ficou felicíssima quando foi convidada. E a última foi, ah daí na última até, foi uma dica da minha colega Maria Stephanou. Ela disse: “olha tá entrando a Marília [Forgearini] Nunes, que é excelente na FACED [Faculdade de Educação] e como está entrando agora não está em nenhuma pós-graduação, mas ela já tem experiência na UFSM [Universidade Federal de Santa Maria] e tal, aí fui conversar com a Marília [Forgearini Nunes], que topou também. Daí graças a esse grupo de dez pessoas que o programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] foi pensado. E aí é claro, nas conversas com o grupo a gente pensou na área de concentração, que não podíamos ter como única área de concentração a Museologia, e nas linhas de pesquisa, uma que trabalhasse mais essa questão dos museus e da Museologia, e outra linha que pensasse mais a questão cultura, sociedade e patrimônio. Então acabou ficando na linha cultura e sociedade os professores [Ana Maria] Dalla [Zen], Luiza [Gertrudis Durán Rocca], professor Valdir [José Morigi], a Lizete [Dias de Oliveira] e a Jeniffer [Alves Cuty]. E na linha de museus e Museologia ficou eu, a Fernanda [Carvalho de Albuquerque], a Ana Albani [de Carvalho], a Letícia [Julião] e a Marília [Forgearini Nunes]. Ficou 5-5, ficou bem equilibrado.³⁴

No final de fevereiro de 2016, iniciou-se a tramitação na UFRGS do processo para oferta do mestrado acadêmico em Museologia e Patrimônio. Aprovado em maio de 2016 internamente, foi enviado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, em janeiro de 2017, o credenciou no âmbito do sistema nacional de pós-graduação, com a primeira turma iniciando suas pesquisas no segundo semestre do mesmo ano.

Define-se como missão e objetivos do PPGMusPa:

Assim, o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) nasce com a missão de produzir conhecimento no âmbito da Museologia e do Patrimônio, ao formar profissionais em nível avançado para atuar nas universidades, institutos, órgãos estatais, museus, entre outros, com papel de liderança e proatividade na preservação, investigação

³⁴ POSSAMAI, Zita Rosane. *Op. cit.*, p. 19-21.

e gestão do patrimônio integral, em suas dimensões culturais e ambientais, capazes de promover ações de salvaguarda, pesquisa, comunicação e apropriação dos bens culturais, em suas referências materiais e imateriais, com vistas à transformação social e à construção da cidadania.

O Mestrado em Museologia e Patrimônio foi criado com o objetivo geral de formar profissionais em nível de Mestrado que se tornem agentes de reflexão sobre a Museologia contemporânea numa perspectiva multidisciplinar, a partir do estudo, análise, crítica e atuação em instituições e espaços da sociedade onde seja necessário o desempenho de função de caráter museológico. Para isso, a formação do mestre em Museologia e Patrimônio supõe o domínio dos conteúdos desses campos e a preparação para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, especialmente, aqueles que demandem intervenções em museus, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural.³⁵

Até o momento, o PPGMusPa formou 43 mestres em Museologia e Patrimônio, contribuindo com o campo museal por meio da formação de pesquisadores(as) que estão atuando e produzindo conhecimento especializado, voltado às necessidades de seus agentes. Seu corpo docente está em constante crescimento e aprimoramento, o que permitiu ampliar suas linhas de pesquisa em três ênfases, atualmente assim configuradas:

Linha 1 - Cultura e Patrimônio

Abordagem integral e interdisciplinar sobre cultura e patrimônio no tempo e no espaço, nas suas representações. Patrimônio cultural material e imaterial, em seus processos de identificação, valoração, registro, documentação, conservação, intervenção e interpretação. Patrimônio urbanístico e arquitetônico. Patrimônio instituído: local, regional, nacional e mundial. Patrimônios emergentes e antirracistas. Políticas e diretrizes. Sujeitos, trajetórias, projetos e obras. Cidadania, identidade, diversidade e inclusão. Sustentabilidade.

Professoras:

Anna Paula Moura Canez

Fernanda Rechenberg

Luisa Gertrudis Durán Rocca

Giane Vargas Escobar

³⁵ UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. *Histórico do Curso*, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgmuspa/pesquisa/linhas-de-pesquisa>. Acesso em: jan. 2024.

Linha 2 - Museologia, Museus e Coleções: História, Teoria e Métodos

Museologia como campo do conhecimento e suas relações com outros saberes. Reflexões sobre a Museologia aplicada. Museu como processo cultural e social complexo. Historicidade e História dos museus e das coleções: dos gabinetes ao museu contemporâneo. Sujeitos e instituições: itinerários, ideias e práticas. Memória, Cultura material e cultura visual nos contextos museológicos.

Professoras:

Ana Celina Figueira da Silva

Zita Rosane Possamai

Ana Carolina Gelmini de Faria

Letícia Julião

Linha 3 - Museologia, Curadoria e Gestão

Reflexões teórico-metodológicas sobre processos de musealização. Preservação, pesquisa e comunicação. Planejamento, políticas públicas e modos de gestão. Relações sistêmicas entre instituições e agentes do campo. Programas, projetos, exposições e outras práticas curatoriais. Expologia e expografia. Objetos e imagens nas narrativas expográficas. Públicos, mediações e práticas educativas.

Professoras:

Ana Maria Albani de Carvalho

Anna Paula da Silva

Fernanda Carvalho de Albuquerque

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino.³⁶

Após o primeiro quadriênio 2017-2020 o PPGMusPa/UFRGS subiu de nota 3,00, conceito de abertura de um programa de pós-graduação *stricto sensu*, para nota 4,00 (em escala que vai até nota 7,00), conquista que reforça a importância do mestrado no cenário museal e autoriza a criação de um doutorado, novo projeto almejado pelas docentes.

N.M.D - Quais são as perspectivas e tua avaliação da Museologia para o futuro?

Z.R.P. - [...] conseguimos nota 4, isso foi uma grande vitória e nos habilita a criar o doutorado. Eu acho que a gente ia atrair muito mais gente, não só do

³⁶ UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. *Linhas de Pesquisa*, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgmuspa/pesquisa/linhas-de-pesquisa>. Acesso em: jan. 2024.

Rio Grande do Sul, mas também da região porque o curso [o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] foi criado pensando na região e na nossa posição privilegiada em relação ao Mercosul. Então se a gente tivesse um doutorado aqui, com certeza a gente teria muito mais gente da Argentina, do Uruguai vindo. Claro que para isso a gente tem que ter condições, tem que ter bolsa, por enquanto a gente tem pouquíssimas bolsas... Criamos as ações afirmativas do programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio], acho que a gente está indo bem, e esperamos que também a colaboração de vocês para que o programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] vá para frente, e uma das maneiras que vocês têm é terminado o curso de graduação e se inscrever lá no PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]! Nós precisamos de alunos, alunas e alunes. Vocês é que têm o futuro nas mãos né, gente?!³⁷

Em 2024, ocorreu no primeiro trimestre a Avaliação Externa *in loco* de Instituições de Educação Superior e Cursos de Graduação (Avaliação *in loco*), organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) do Ministério da Educação (MEC), processo avaliativo usado para homologação de atos autorizativos – autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de curso de graduação. O curso de bacharelado em Museologia da UFRGS obteve nota cinco (5,00), valor máximo da escala de avaliação, momento simbólico na escrita da história do ensino dessa graduação. Observa-se, pelas memórias partilhadas e em produção, que novos horizontes se apresentam para o ensino da Museologia na UFRGS, seja na graduação, mestrado e um futuro doutorado, com expectativas e desafios sobre seus processos de formulação/implementação e manutenção. Importante observar que o recorte de ensino no campo museal é fundamental para compreender conjunturas que configuram o campo, pois trata diretamente da produção de conhecimento sobre Museologia, formação de profissionais que atuam em sua defesa e impacto social da área, formulando sua identidade e propósito na sociedade.

³⁷ POSSAMAI, Zita Rosane. *Op. cit.*, p. 24.

Considerações finais

A base analítica desse estudo são as mulheres que protagonizaram a constituição de um campo disciplinar na UFRGS. A história oral, no contexto do projeto de pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes” e do programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”, é compreendida como método de investigação científica, fonte de pesquisa e técnica de produção e tratamento de depoimentos.³⁸ Nessa perspectiva, favorece “[...] estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam”.³⁹

O relato selecionado e reelaborado pela memória, aliado à cultura material e visual preservada, permite constituir um patrimônio histórico-educativo sobre o ensino superior do Brasil, tendo, por ênfase, o ensino da Museologia. A produção e reflexão sobre as fontes primárias é um investimento no intuito de compreender, no campo museal, as relações instituídas pelos agentes a favor da legitimação desse saber em caráter científico. Estudar as formações em Museologia permite delinear não só as habilidades e competências do profissional em processo de aprendizagem especializada, mas também configurar o espaço de relações de partilhas e concorrências que fomentam a autonomia do campo, tendo uma atenção à distribuição do capital científico entre os agentes engajados nesse domínio. De acordo com Pierre Bourdieu:

Entre os fatores sociais passíveis de determinar as leis de funcionamento de um campo científico, quer se trate da produtividade de uma disciplina em seu conjunto ou da produtividade diferencial de seus diferentes setores, quer se trate das normas e mecanismos que regem o acesso à notoriedade, os mais importantes são sem dúvida os fatores estruturais como por exemplo a posição de cada disciplina na hierarquia das ciências (na medida em que esta posição comanda o conjunto dos mecanismos de seleção) e a posição dos diferentes produtores na hierarquia própria a cada uma destas disciplinas.⁴⁰

³⁸ ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

³⁹ ALBERTI, *op. cit.*, p. 18.

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361 p. p. 167.

Assim, defende-se um duplo movimento: gerar/preservar fontes primárias que permitam realizar estudos historiográficos da Museologia como campo disciplinar e aprofundar os estudos dessa ciência a partir da articulação com a História da Educação. Tais iniciativas contribuem para a compressão do campo museológico no Brasil a partir dos cursos de formação, potencializando a avaliação de seus desdobramentos na atuação museal.

Ana Carolina Gelmini de Faria | Museóloga (Unirio), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/Fabico/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-MusPa/UFRGS). Coordenadora do programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias” (2017-atual) e do projeto de pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes” (2022-atual). E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9506092922437967> | <https://orcid.org/0000-0003-0727-9991>.

<< Voltar ao início